

Oportunidades, a despeito da crise global

LUCIANO COUTINHO

GOSTARIA de afirmar, muito rapidamente, que o Brasil tem, sim, chances de se diferenciar como uma das economias em desenvolvimento capazes de crescer com relativa autonomia, embora a situação internacional nos próximos anos tenda a ser muito desfavorável, dada a perspectiva de uma recessão bastante longa. Por quê? Primeiro, porque a Ásia, sob a liderança da China, tenderá a manter algum crescimento. E disso resultam condições razoáveis no contexto do comércio internacional e dos investimentos internacionais, que ajudam a sustentação da economia brasileira.

A economia brasileira, a despeito da crise global, tem condições singulares, neste momento, para sustentar um ciclo de investimentos bastante robusto. Quais são essas condições? A primeira deriva de uma fronteira de investimentos em infraestrutura de alto retorno e risco relativamente baixo em razão das demandas reprimidas. O país tem absoluta necessidade de investir fortemente em energia, logística e várias outras infraestruturas importantes. Há também o fato de que estamos pondo em marcha processos irreversíveis de investimentos em que o setor privado, por meio de concessões, tem sido chamado a participar de forma muito ativa.

A segunda fronteira dinâmica é constituída pelo setor de petróleo e gás sob o empuxe do portentoso programa de investimento da Petrobras para os próximos cinco anos (cujo montante supera US\$ 170 bilhões). As consequências positivas desse programa para as nossas cadeias industriais fornecedoras de insumos e equipamentos são altamente promissoras e receberão o suporte ativo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

A terceira fronteira importante diz respeito a certas oportunidades ampliadas de exportação que a economia brasileira pode aproveitar – com destaque para o nosso extraordinário agronegócio, que terá chances continuadas de crescer nos próximos anos. A cadeia de celulose é outro exemplo, e ainda há a extraordinária oportunidade de tornar o etanol uma *commodity* internacional de grande escala de produção. Essas são, portanto, oportunidades muito relevantes.

A quarta grande fronteira de investimento que o Brasil dispõe deriva de mercado interno. A melhora das condições do mercado interno, da distribuição de renda, o crescimento do emprego e a possibilidade de expansão do crédito a partir de um sistema bancário muito saudável descortinam uma oportunidade

de crescimento continuado dos investimentos dirigidos ao mercado interno. Não quero sublinhar apenas a cadeia automobilística cujo dinamismo pode ser recuperado. No mercado interno, além das possibilidades de expansão de um amplo conjunto de setores da economia e da indústria de serviços, sublinho as imensas possibilidades de desenvolvimento da construção residencial no Brasil. O governo federal tem os instrumentos para estimular a sustentação do investimento em construção residencial com impactos favoráveis significativos sobre a geração de emprego e renda, realimentando o círculo virtuoso do mercado interno.

Em síntese, essas são fronteiras muito firmes. Nesse sentido, vejo que o Brasil tem oportunidades de crescimento extremamente robustas e capazes de permitir um arranco na economia brasileira em direção a um papel diferenciado no sistema global.

Do que isso depende? Depende de muitas coisas, mas está aí o desafio para que nos tornemos um Bric mais dinâmico que os outros. Uma das coisas mais relevantes, eu queria sublinhar, é a necessidade de constituirmos capacidade doméstica de poupança, para financiar esses investimentos sem depender exageradamente da abertura de um déficit em conta corrente imprudentemente elevado. Então, precisamos colocar em nossa agenda a importância de como ampliar a capacidade de poupança doméstica e de investimento para realizar esse grande potencial, o que não nos absolve de pensar também em todos os outros grandes desafios na área de educação, inovação tecnológica, preservação do meio ambiente, desenvolvimento regional etc – desafios esses fundamentais para que a economia brasileira possa, de fato, se tornar uma economia relevante no novo contexto global.

Luciano Coutinho é graduado em Ciências Econômicas, com mestrado em Economia também pela Universidade de São Paulo (1970), doutorado em Economia pela Universidade de Cornell (Estados Unidos) e professor convidado da Universidade de Campinas (Unicamp). Atualmente ocupa o cargo de presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). @ – presidencia@bndes.gov.br

Texto originalmente publicado em *Na crise global, como ser o melhor dos Brics*, sob coordenação de João Paulo dos Reis Velloso e Roberto Cavalcanti de Albuquerque (Elsevier, 2009, p.29-32).

Recebido em 9.3.2009 e aceito em 10.3.2009.